

O fenômeno da liberdade e educação: encontro da música, infância e docência

GTE 07 - Educação Musical e Pedagogia

Comunicação

*Bianca de Oliveira Cardoso
UNISC- PROSUC/CAPES
bianca.oliveiracardoso@gmail.com*

Resumo: Este ensaio apresenta a pesquisa de mestrado em educação em andamento, em que se interroga pelo fenômeno da liberdade (ARENDR, 2007) na educação, a partir dos deslocamentos vividos na docência com crianças da educação infantil. O tema desta pesquisa “música, infância e docência” emerge da experiência cotidiana docente, na vivência de iniciar e implementar um projeto de educação musical no município de São Leopoldo. Interroga-se, procurando produzir sentidos sobre o que se mostra no encontro da tríade música-infância-docência neste projeto de educação musical: como os gestos poéticos (RICHTER, BERLE, 2015) e políticos (SKLIAR, RIBEIRO, 2020) sustentam a docência neste encontro e como o fenômeno da liberdade se manifesta e mobiliza as ações docentes e de que forma ele é vivenciado nesta experiência educativa. Para tal, apresenta-se como uma pesquisa qualitativa, de cunho fenomenológico, que intenciona revisitar o vivido, narrando-o, buscando pensar, estudar e compreender os conceitos que emergem na vivência deste projeto, a partir de aproximações filosóficas e educacionais e de conversas com autores que conjugam pensares sobre a temática desta pesquisa.

Palavras-chave: Fenômeno da liberdade; Música, infância e docência; Pesquisa fenomenológica.

Introdução

Pelos caminhos da educação, me encontro há vinte e um anos. Caminhando “sem saber de antemão o destino senão dispostos a deixar o próprio caminho conduzir nosso olhar” (KOHAN, 2018, p.197), perdi-me na cidade vizinha à Novo Hamburgo, buscando encontrar aquilo que pudesse ser.

O habitar no mundo da educação se deu pelo gesto de tatuar na pele a palavra Luta e no coração a boniteza de um sonho, um mundo que se dispôs em torno de mim e começou a existir para mim (MERLEAU- PONTY, 1999). Ingressei na carreira docente, no primeiro

concurso de professores de educação infantil no município de São Leopoldo, no ano 2000. Vivi o nascimento da docência em um campo a ser inventado. Em um território educativo marcadamente tensionado pelo cuidado versus educação, fora necessário construir pontes, compor travessias que encontrassem o entre, o E. Para Biesta (2020, p.49) “[...] quando encontramos resistência não só encontramos o mundo, mas, ao mesmo tempo, encontramos os desejos que temos em relação ao mundo”. Esta interrupção mobiliza nossa força existencial, engajando-nos com possibilidades de existir como sujeitos no e com o mundo, de forma coletiva e não egológica.

Caminhar pela ponte em educação se faz com tempo. Um tempo demorado, “Arandú” (HOYELLOS, 2015, p.42), um tempo sentido, como nomeiam os povos guaranis da Amazônia. Um tempo vivido e imaginado, pelo mestre inventor (KOHAN, 2014) que teima, (re)siste e insiste em lutar e tocar a docência e ser por ela tocada, de produzir sentidos poéticos neste processo formativo de ser-com-os-outros (NANCY, 2015, p. 173) no mundo.

Este mundo, por mim percebido e pensado a partir do que sou (MERLEAU-PONTY, 1999), mas acima de tudo vivido é povoado por uma polifonia e simultaneidade de vozes outras que ensaiam um ser-com no mundo. Compor um percurso em educação se faz em companhia: uma viagem pedagógica, inventiva, errante (KOHAN, 2014) em que todos saem do lugar, ensaiando produções de sentidos no coletivo.

Assim, encontro a companhia da amizade com a música em minhas andanças pela Educação. Desde os primeiros passos em educação, o violão, o coral, e mais tarde o trabalho de conclusão de curso na Pedagogia (UNISINOS/2007) aproximam meus desejos de tocar a docência com a música, um desejo que busca encontrar muitos outros e muitos eu, porque “a vida, como a música, só se pode fazer junto” (KOHAN, 2018, P.201).

Colocar-se neste movimento de “Caminhar para poder ver, caminhar, sem antecipar o destino, perdendo-se de si mesmo; caminhar para poder dar lugar a uma experiência, para sair diferente. Caminhar como autoeducação” (KOHAN, 2018, p.198), foi o que me levou e o que me sustenta na trajetória investigativa que percorro atualmente no Grupo de Pesquisa Estudos Poéticos (UNISC), no Grupo de Pesquisa Escuta Poética (FACED/UFRGS), na continuidade dos estudos no Programa de Mestrado em Educação da UNISC e no desafio de assessorar pedagogicamente um projeto de educação musical no âmbito municipal.

Nesta trajetória de constituição permanente da docência me encontro com a pesquisa. A ação de pesquisar, verbo do “amor a pensar, a libido de conhecer” (RIBEIRO,

1999, p.190). Ato de viver o desejo do risco, de constituir-se humanamente no processo da pesquisa. Movimento de invenção de mundos pela linguagem (VON FOERSTER, 1996, p.66).

Encontros com a pesquisa

O disparador de pensares que mobiliza este projeto de pesquisa inicia-se em 2018, quando na docência da educação infantil, desafio-me a criar um projeto de educação musical para crianças de 2 a 6 anos, em uma escola de educação infantil municipal. A composição deste projeto, tem raízes na resistência: em minha ação como professora que resiste a homogeneização de um discurso dominante na educação das infâncias e que busca através da possibilidade legal (Projeto Político Pedagógico, Resolução do Conselho Municipal e Documento Orientador do Currículo do Território), da formação continuada e da ação docente, a possibilidade de dizer a sua palavra (FREIRE, 1987) e trazer “novos começos ao mundo” (BIESTA, 2020, p.39).

Mas, “[...] para que nossos começos tenham importância [...] depende inteiramente de se e como os outros continuarão os nossos começos” (BIESTA, 2020, p.39). Assim, em 2019, este projeto de educação musical sustentado pelos *gestos políticos*, “movimentos de invenção e transformação de si e das relações em seu curso” (SKLIAR, 2020, p.20), de minha ação enquanto docente, encontra a parceria do Grupo de Pesquisa Escuta Poética (FACED/UFRGS), através de formação continuada e minha inserção no grupo como professora pesquisadora voluntária. Neste período, as propostas vivenciadas com as crianças eram compartilhadas com o grupo de pesquisa (mediante autorização da Secretaria Municipal de Educação) e constituíam materiais de estudos e reflexões coletivas acerca da música, da infância e da docência.

No ano pandêmico de 2020, a impossibilidade da presencialidade na escola, movimentou minha docência neste projeto de educação musical. A convite da Secretaria Municipal de Educação, coordenei juntamente com o Grupo de Pesquisa Escuta Poética (FACED/UFRGS) uma formação em educação musical, partindo do projeto embrionário de 2018, para 411 docentes da educação básica. Pela plataforma virtual Moodle, o projeto alcançava a rede e nomeava-se Barulhar¹ (LINO, 2008) .

¹ Termo criado pela Prof^o Dulcimarta Lemos Lino (2008), coordenadora do Grupo de Pesquisa Escuta Poética (FACED/UFRGS) para designar a música da infância.

Em 2021, dando continuidade à parceria entre a Universidade (FACED/UFRGS) e a educação básica (SMED/SL), o Projeto Barulhar passa a habitar uma escola de arte e compõe-se como projeto-piloto, que alia a formação continuada dos professores da educação básica em música, às vivências pedagógicas e musicais com as crianças de educação infantil. E neste ano, recebo o presente e o desafio de implementar este projeto na rede, através do assessoramento pedagógico na secretaria municipal. Nesta oportunidade de continuar vivendo este denso registro do estar-junto em educação, procuro “estar atento e não deixar passar a oportunidade do encontro (KOHAN; OLARIETA, 2015, p.165), percebendo que minhas ações enquanto docente são também sustentadas pelos *gestos poéticos* que inauguram tempos de presença e tentativas de plasmar sentidos singulares no coletivo (RICHTER; BERLE, 2015).

Assim, esta pesquisa em andamento, ensaia o “ser investigação: cultivar o ouvido atento, o olhar sensível, o corpo disponível, os sentidos abertos e os preconceitos sob suspeição e indagação. Experimentar a aventura investigativa como viagem, como caminho percorrido e experimentado” (SKLIAR, RIBEIRO, 2020, p.19).

Desta forma, a composição deste percurso investigativo, se dá em processo vivo “como ponto de partida e ponto de chegada” (BICUDO, 2011, p.43). Apresenta-se como uma pesquisa qualitativa, de cunho fenomenológico, em que “o próprio movimento de trabalhar com sentidos e significados que não se dão em si, mas que vão se construindo e se mostrando em diferentes modos, de acordo com a perspectiva do olhar e na temporalidade histórica de suas durações e respectivas expressões mediadas pela linguagem e por elas transportadas” (BICUDO, 2011, p.41). Assim, pesquisar fenomenologicamente é pensar a realidade de um modo rigoroso (BICUDO, 2011, P.17), buscar ver além da aparência, interrogar-se, voltar-se ao essencial do fenômeno como um retorno às coisas mesmas, em que o invisível se mostra, tornando-se visível (BICUDO, 2011, p.18).

O tema desta pesquisa “música, infância e educação” emerge em minha experiência cotidiana docente, me é “dado no ato de perceber” (BICUDO, 2020, p.36), nas vivências do agora, do presente. Ao viver a implementação de um projeto de educação musical no município de São Leopoldo, admiro-me com o que se mostra (BACHELARD, 1988) no experienciado, no percebido pelo meu corpo no mundo (MERLEAU-PONTY, 1999) e me interrogo, procurando produzir sentidos: o que se mostra no encontro da tríade música-infância-docência neste projeto de educação musical? Como os gestos poéticos e políticos

sustentam a docência neste encontro? Como o fenômeno da liberdade se manifesta e mobiliza as ações docentes e de que forma ele é vivenciado, neste projeto que encontra a música, a infância e a docência?

Em consonância com os referenciais teóricos da linha Aprendizagem, Tecnologias, Linguagem e Educação, disponho-me, como pesquisadora, a este exercício (LARROSA,2018), entendido como ginástica da atenção, de escrever com a vida e com educação, em linguagem; de narrar o que tenho vivido intensamente nos últimos quatro anos na implementação de um projeto de educação musical, no município de São Leopoldo. A intencionalidade situa-se em revisitar o vivido, narrando-o, buscando pensar, estudar e compreender os conceitos que emergem na vivência deste projeto, a partir de aproximações filosóficas e conversas com autores que conjugam pensares sobre a temática desta pesquisa.

Entendendo, com Benjamin (1994, p.205) as narrativas como uma forma artesanal de comunicação em que a história contada é um acontecimento infinito, “uma chave para tudo o que veio antes e depois” (BENJAMIN, 1994, p.37), um mergulho em companhia na experiência vivida pelo narrador (BENJAMIN, 1994, p. 205), concebo-a como abordagem metodológica consonante à pesquisa de cunho fenomenológico, a que se propõe esta pesquisa. Para compor o percurso narrativo, imbuída na “sensibilidade de deixar vozes, movimentos, acontecimentos, minúcias terem visibilidade” (OLIVEIRA; SILVA, 2016, p.63) opto pelo o diário de registros das vivências cotidianas como recurso de apoio metodológico.

Com Posição da pesquisa

Como pedagoga apaixonada pela música, pretendo organizar os capítulos desta pesquisa pensando sonoramente em um acorde de Ré Menor. Ao tocar o acorde Ré em meu violão, o movimento dos dedos das minhas mãos, no toque das cordas produzem o som. Somos um: corpo no som. Singular e plural. O acorde Ré, lembra-me que em educação, sempre estamos em companhia, porque somos no coletivo. Assim, para tocar o acorde Ré, preciso de outras notas, que compõem seu campo harmônico: Ré menor, Fá e Lá menor. Desta forma, apresento o pensado até o presente momento para a organização dos capítulos desta pesquisa, entendo-a como processo em construção. Assim, introduzo esta pesquisa no capítulo intitulado **(Com) Posição**, movimento musical de inventar coerências musicais e sonoridades, de “caminhar” sobre outros tons, em que trago uma breve narrativa

de meu percurso docente na educação infantil no município de São Leopoldo até o encontro com o tema e a metodologia que propõe esta pesquisa.

No segundo capítulo, intitulado **(Ré)-sistir**, narro o nascimento do projeto de educação musical e suas interlocuções com minhas inquietações enquanto docente, apresentadas como questões nesta pesquisa. Pretendo relatar o contexto do território de São Leopoldo em relação à legislação em educação musical local e suas articulações com o emergir do gesto político (SKLIAR, RIBEIRO, 2020) presente na composição do projeto vivido. Busco conceitualizar o fenômeno de liberdade, que para Hannah Arendt (2007, p.178) não é produto de uma atividade humana, mas potencialmente ação, tomada de iniciativa para começar algo. Pontuo a coragem de trazer novos começos ao mundo e a resistência com uma educação musical menor (SANTOS, 2019, P.7), como gestos políticos, que movimentam nossas “palavras e ações”, enquanto pensamento e possibilidade de escolha, que traduzem o emergir do fenômeno da liberdade, tão necessário em tempos de fragilidade democrática.

No capítulo seguinte, **(Fá)-lar**, pretendo descrever a sequência do projeto na rede municipal, com ênfase na formação de professores, que aconteceu virtualmente, no contexto pandêmico. Aqui, Falar é entendido como possibilidade de dizer a sua palavra, entendendo que “a existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo” (FREIRE, 1987, p.50). Assim, encontro-me com gestos poéticos (RICHTER; BERLE, 2015) que sustentam o exercício (LARROSSA, 2018) de formar-se e produzir uma formação, modos de “estar à escuta” (RICHTER, LINO, 2019) de forma inventiva. Ensaio que conjugam o ser singular plural (NANCY, 2006, p.50) e a artesanaria docente (KOHAN, 2014; LARROSA, 2018b), na contramão do capitalismo e da utilitariedade presentes na atualidade.

O quarto capítulo, **(Lá)-tempo e lugar**, procuro registrar o movimento atual do projeto, ao habitar o espaço de uma escola de artes. Pretendo narrar este percurso de ocupação de um espaço físico que atenderá as crianças da educação infantil, ao mesmo tempo em que se propõe a mobilizar a formação de professores concomitantemente. Aqui o tempo vivido aproxima-se da definição de tempo grega “Kairós”, que “é o modo que cada um de nós tem de viver o tempo aparentemente igual. É o tempo que se transforma em tempos plurais. É o tempo regido pelas emoções e sentimentos” (HOYELLOS, 2015, p.44). Tempos de amar e brincar como fundamentos do humano (MATURANA; VERDEN-ZOLLER,

2004) Pretendo mobilizar pensares e conversas com o encontro entre a música, a infância e a educação neste espaço/tempo presente vivido pelo projeto.

No último capítulo, **Acorde**, pretendo retomar as notas musicais (capítulos) que compõem esta pesquisa. Proponho a aproximar os conceitos estudados neste trabalho, a partir da letra E “a vogal que fornece asas para o voo da palavra” (SCHAFFER, 2011, p.212), enquanto conjunção. O acorde enquanto substantivo nomeia um conjunto harmônico de três ou mais notas musicais e enquanto verbo mobiliza a “feitura do corpo” (LINO; RICHTER, 2020) a imperativamente despertar o fortalecimento da gramática da docência; para quem sabe, acordarmos o fenômeno da liberdade como gesto político e poético no encontro da música, das infâncias e da educação, em tempos adormecidos.

Referências

ARENDDT, Hannah. *A Condição Humana*. Trad. Roberto Raposo. 10ªed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

ARENDDT, Hannah. *Entre o Passado e o Futuro*. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BENJAMIN, Walter. O Narrador. In: _____ *Magia e Técnica, Arte e Política* -ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas, volume I, 2ªedição, São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

BIESTA, Gert J. *A (re) descoberta do ensino*. São Paulo: Pedro & João editores, 2020.

BICUDO, Maria A.V. *Pesquisa Qualitativa: segundo uma visão fenomenológica*. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. *Pesquisa Fenomenológica em educação: Possibilidades e desafios*. São Paulo: Revista Paradigma, Vol. XLI, junho de 2020/30-56.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HOYELOS, Alfredo. Os tempos da infância. In: FLORES, Maria Luiza; ALBUQUERQUE, Simone (org.). *Implementação do Proinfância no Rio Grande do Sul: perspectivas políticas e pedagógicas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015.

KOHAN, Walter. OLARIETA, Beatriz. *A escola pública aposta no pensamento*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

KOHAN, Walter. A música da amizade: notas entre filosofia e educação. Santa Maria: Revista educação, v. 43, n. 2, p. 195-206, Abr/jun 2018. Disponível em <<https://periodicos.ufsm.br/reveducao/article/view/30840/pdf>>

_____. *O mestre inventor*. Relatos de um viajante educador/ [tradução Hélia Freitas]. Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2014.

LARROSA, Jorge. *P de Professor*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018a.

_____. Esperando não se sabe o quê: sobre o ofício de professor. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018b.

LINO, Dulcimarta Lemos. *Barulhar: a escuta sensível da música nas culturas da infância*. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

LINO, Dulcimarta Lemos; RICHTER, Sandra Regina. *Feito Partitura: palavra sonora como gesto poético de educar*. Revista Signo, Universidade de Santa Cruz do Sul, v. 45, n. 83, p. 2-17, maio/ago. 2020. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/14948/0>. Acesso em: 8 nov. 2020.

MATURANA, Humberto. ZOLLER-VERDEN, Gerda. *Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano*. São Paulo: Palas Athena, 2004.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

NANCY, Jean-Luc. *Ser singular plural*. Madrid: Arena Libros, 2006.

_____. *Política e/ou Política*. ALEA, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 166-178, jan./jun. 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-106X2015000100166. Acesso em: 19 mar. 2020.

OLIVEIRA, Valeska Fortes de. SILVA, Monique da. Em defesa da leveza, do sensível e da sensibilidade na pesquisa em educação. In: FEITOSA, Débora Alves [et al]. *O sensível e sensibilidade na pesquisa em educação*. Bahia: UFRB, 2016.

RIBEIRO, Renato Janine. *Não há pior inimigo do conhecimento que a terra firme*. Tempo Social. Revista Sociol. USP, São Paulo, maio de 1999.

RICHTER, Sandra Regina Simonis; BERLE, Simone. *A pedagogia como gesto poético*. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 40, n. 4, p. 1027-1043, out./dez. 2015.

RICHTER, Sandra; LINO, Dulcimarta. *Estar à escuta: música e docência na educação infantil*. Childhood & Philosophy, Rio de Janeiro, v. 15, p. 1-24, out. 2019.

SANTOS, Regina Marcia Simão. *Aprendizagem como acontecimento: contribuições a propósito da educação musical como formação humana*. Boletim FLADEM, n. 11, p. 1-11,

2019. Disponível em: <https://www.fladembrasil.com.br/boletim-11-de-2019>. Acesso em: 29 jun. 2020.

SCHAFER, R. Murray. *O ouvido pensante*. Trad. Marisa Trench de Oliveira Fonterrada. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

SKLIAR, Carlos. RIBEIRO, Tiago. Escolas, pandemia e conversação: notas sobre uma educação inútil. *Série-estudos, Campo Grande*. v. 25, n. 55, p. 13-30, set/dez 2020.

VON FOERSTER, H. Visão e conhecimento: disfunções de segunda ordem. In: SCHNITMAN, D.F. (Org.). *Novos paradigmas, cultura e subjetividade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p. 59-74.